

ASPECTOS PERSUASIVOS DE UMA NARRATIVA AUDIOVISUAL INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

PERSUASIVE ASPECTS OF A CHILDISH AUDIOVISUAL NARRATIVE: A CASE STUDY

Fernando Aparecido Ferreira
Doutor em Ciências da Comunicação
Universidade de Franca – UNIFRAN
(fferreiradg@uol.com.br)

Maria Silvia Rodrigues-Alves
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade de Franca – UNIFRAN (PNPD/CAPES)¹
(masilrodriguesalves@gmail.com)

RESUMO: Alicerçada na teoria Retórica, a presente pesquisa propõe um estudo sobre o episódio da série, de produção espanhola, de desenhos animados *Pocoyó*, considerando o texto que se constrói na relação de interdependência entre o verbal, o visual e o sonoro. Estabelece-se, então, a hipótese de que, no universo dessa narrativa audiovisual infantil, uma estrutura persuasiva se delinea com palavras, sons, cores e movimentos no embalo da voz de um narrador, que interage com os personagens. No que se refere ao arcabouço teórico, utilizam-se nas asserções de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Meyer (1993 e 2007) e Ferreira (2010). O objetivo é trazer à tona as possibilidades de análise retórica que um *corpus* dessa natureza pode suscitar, pensando, principalmente, as instâncias que compõem o tripé retórico (*ethos*, *pathos* e *logos*). Para explorar o campo da Retórica, observam-se não só os elementos linguísticos e visuais, mas também o contexto de produção e a configuração do auditório. Tais observações conduzem o estudo e propiciam a análise deste texto sincrético, considerando a relação do verbal com o imagético, visando à persuasão.

Palavras-chave: Retórica; Ethos; Pathos; Logos; Desenho Animado.

ABSTRACT: Based on the Rhetoric theory, this research proposes a study about the series, a Spanish production, of animated cartoons *Pocoyó*, taking into account the text that is built in the interdependency relationship among the verbal, the visual and the audible. It is established, in this sense, the hypothesis that, in the universe of this childish audiovisual narrative, a persuasive structure is outlined with words, sounds, colors and movements in the momentum of the voice of a narrator, who interacts with the characters. Regarding the theoretical background, we based on the assertions of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Meyer (1993 and 2007), and Ferreira (2010). The goal is highlighting the possibilities of rhetorical analysis that a corpus of this nature may raise, considering, mainly, the instances that make up the rhetorical tripod (*ethos*, *pathos* and *logos*). To explore Rhetoric field, we observed not only the linguistic and visual elements, but also the context of production and the auditorium lay-out. These observations conduct the study and provide the analysis of this syncretic text, considering the relationship of the verbal with the imagetic, aiming the persuasion.

Keywords: Rhetoric; Syncretic text; Cartoon

¹ Bolsa atual: 1471782 PNPD/CAPES-UNIFRAN fev. 2015 – jan. 2016

Introdução

O presente trabalho é fruto de estudos que visam compreender a estrutura retórica de textos verbo-visuais. Sendo assim, prestamo-nos à análise de um episódio da série de desenhos animados *Pocoyó*, de produção espanhola, destinado a crianças na fase pré-escolar. Serão considerados os elementos persuasivos do episódio como possibilidades de análise à luz da teoria retórica. Nosso objetivo, neste momento, é o de trazer à tona a eficácia persuasiva para um aprofundamento em futuros trabalhos.

Desse modo, aqui propomos uma análise retórica considerando inicialmente *Pocoyó* como um texto, ou seja, como algo que constitui “uma unidade de linguagem dotada de sentido”, que cumpre “um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura em que se situam os participantes desta enunciação” (CAVALCANTE, 2013, p. 17). Sendo uma obra audiovisual, *Pocoyó* é composto de linguagem verbal e não verbal, o que o constitui como um texto sincrético. (FERREIRA, 2014, p. 85)

Visando comprovar a eficácia retórica do objeto de estudo, a presente pesquisa observa a intenção do orador ao considerar a natureza do auditório, com quem lida, e o conhecimento das “contingências restritivas e amplificadoras do contexto e do discurso”. (FERREIRA, 2010, p. 30)

O episódio² selecionado para análise faz parte da primeira temporada da série e se denomina *El paraguas* (o guarda-chuva). Vale ressaltar que a produção completa está composta por duas temporadas, tendo, então, mais de cem capítulos. A temática é constituída por situações cotidianas do universo infantil e, no episódio demarcado, a busca pela funcionalidade do guarda-chuva, em face da mudança climática, incita na criança espectadora a descoberta mútua e a participação da história.

Optamos pela produção da série em sua língua de origem, o espanhol, para que nossas observações se fizessem no original, sem perda, nem adaptações, próprias das gravações com dublagem.

² Recomendamos assistir ao episódio *El paraguas*, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=KJFEBLZJuvg>.

No que se refere ao arcabouço teórico, nos embasamos nas asserções de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Meyer (1993 e 2007) e Ferreira (2010).

Para a análise de nosso objeto de estudo, organizaremos as reflexões dos estudos retóricos, considerando o tripé *ethos*, *pathos* e *logos* e as instâncias em que se realizam.

Os estudos retóricos

O termo **retórica** é de origem grega e significava a arte de falar bem, de se comunicar de forma clara e conseguir transmitir ideias com convicção. Ao discorrer sobre a teoria retórica, Aristóteles, grande pensador da Grécia Antiga, afirma: “Assentemos que a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” (ARISTÓTELES, 1998, p. 33).

Valendo-se da persuasão, a teoria retórica se ocupa da argumentação, da adesão do público. Assim:

[...] diremos que a adesão é esse processo que, em sua forma acabada, faz passar de uma diversidade de maneiras de ver e de fazer à certeza de que há somente uma que é válida, converte a subjetividade consciente de uma opinião relativa em pseudo-objetividade inconsciente de uma certeza absoluta. Utilizam-se argumentos para justificar uma opinião; a adesão faz passar da ordem do “isso é óbvio” e acarreta a atitude que equivale a “incorporar” uma maneira de ver que se torna uma maneira de crer. (VIALA, 2005, p. 168)

Como nas narrativas audiovisuais em que os personagens são representados por atores reais, humanos, o desenho animado também tem a finalidade de gerar persuasão. (FERREIRA, 2014, p. 77). Nesse jogo argumentativo, o auditório incorpora uma maneira de ver, tornando-se uma maneira de crer. O personagem, animado, entrelaça-se com o mundo real da criança, convertendo-se na certeza de que é válido e óbvio.

Valeremo-nos da premissa de que a função da retórica é persuadir. E, a persuasão sempre envolve razão e afetos. Do latim persuadir, *persuadere* (*per* = de modo completo, *suadere* = aconselhar).

Ao tomarmos um texto, podemos avaliar a eficiência de sua comunicação pela ótica da argumentação e Retórica. A argumentação “visa à adesão dos espíritos” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 16), e a Retórica, como teoria, tem por objeto “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 04).

Estando, então, o discurso retórico dirigido ao homem, “a persuasão leva em conta a dotação humana das faculdades, sentimentos, impulsos, paixões e busca fundir em si três ordens de finalidade: *docere, movere e delectare*” (FERREIRA, 2010, p.15)

Vejamos, segundo Ferreira (2010, p. 16), o que vêm a ser essas três ordens de finalidade do discurso retórico:

Docere: ensinar, transmitir noções intelectuais, convencer.

Movere: comover, atingir os sentimentos.

Delectare: agradar, manter viva a atenção do auditório.

O discurso persuasivo “se condiciona na exploração da razão e da afetividade” (FERREIRA, 2010, p.16). O objeto de estudo aqui tem seu discurso estruturado pela razão e pela afetividade, pela argumentação e pela persuasão.

A série *Pocoyó*, sendo um desenho animado, está pensada para seduzir o seu público lançando mão dos recursos que lhe são próprios da produção. Ainda considerando os artifícios para composição da obra, pode-se afirmar, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 26):

Para poder influenciar mais o auditório, pode-se condicioná-lo por meios diversos: música, iluminação, jogos de massas humanas, paisagem, direção teatral. [...]. Os aperfeiçoamentos técnicos possibilitaram, em nossos dias, desenvolvê-los poderosamente; de modo que se viu nesses meios o essencial da ação sobre as mentes.

Nesse sentido, *Pocoyó* está composto com as configurações próprias das produções televisivas de desenho animado e suas referências remetem às competências técnicas necessárias para influenciar o auditório.

Após breves considerações acerca da arte de persuadir, convém apresentar o *corpus* selecionado com vistas à sua contextualização.

O objeto de estudo: a série de desenhos animados *Pocoyó*

Pocoyó é uma série de desenhos animados voltada para crianças em fase pré-escolar, de produção original espanhola, do início dos anos 2000, produzida por Zinkia Entertainment e distribuída por ITV Global. Seus criadores são David Cantolla, Colman López, Luis Gallego y Guillermo García Carsi. A série conta com episódios de duração entre seis e sete minutos, todos versando sobre temas do universo infantil. Os episódios são estruturados com as descobertas de Pocoyó, personagem principal, interagindo com seus amigos, animais de seu convívio. A temática comum entre os episódios é sempre a descoberta de funções e interações com objetos próprios do mundo real. Há sempre a presença de um narrador, em voz *off*, que incita Pocoyó às suas descobertas e interações. Na produção original o narrador é o ator dublador, espanhol, procedente de Madri, José María del Río.

O desenho animado tem como personagens principais Pocoyó e alguns de seus amigos. Pocoyó, protagonista que dá nome à série, é um garoto de poucos anos de idade (aparentemente entre 2 e 4) com uma curiosidade inata de quem está descobrindo o mundo. Sua principal característica é a alegria com que faz tudo. Veste roupa e chapéu azuis. Gosta muito de brincar ao ar livre e sua enorme curiosidade o levará a uma infinidade de aventuras junto a seus amigos. Pato é um pato amarelo que usa um pequeno chapéu verde, é o melhor amigo de Pocoyó. Ele gira seu bico quando tem alguma situação divertida, é tímido e cauteloso. Apesar de todas as precauções que toma para que as coisas saiam de determinada maneira, nunca terminam como ele quer. Elly é uma elefanta rosa que usa uma mochila azul. É uma grande amiga de Pocoyó, considerada pelos personagens da série a mais forte, ajuda a seus companheiros quando eles têm que fazer algum esforço maior. Geralmente aparece passeando em seu patinete cor-de-rosa e, além disso, é bailarina. É engraçada e brincalhona. Sempre auxilia nas respostas e questionamentos durante os episódios. E, Lolla, uma cadelinha de estimação de Pocoyó, sua companhia.

Nesse campo audiovisual, os elementos que compõem a animação se fazem em um cenário branco, praticamente vazio, com apenas alguns elementos. As cores são vivas nos personagens, nas formas e nos objetos que compõem cada uma das narrativas.

As situações, objetos e linguagem utilizados são apropriados para a idade de seus telespectadores e, ainda, se apresenta como um mundo de fantasia que estimula a imaginação e propicia a diversão.

Sobre a história e a inspiração para o surgimento de Pocoyó, um de seus criadores, David Cantola, conta que teve a ideia da série a partir da convivência apaixonante com sua filha Veja, de apenas dois anos de idade. O pai conta que via a sua filha apreciando e se divertindo com desenhos animados e sentia inveja da pessoa que o havia concebido, porque pensava que, de alguma forma, essa pessoa construiria parte das recordações da infância de sua filha. E, nas palavras do criador: “Até que um dia pensei: eu quero ser essa pessoa. (...) Quero que minha filha, quando crescer, pense: ‘Ah! Como eu gostava de Pocoyó! E, ainda, foi meu pai quem o fez!”³ (CANTOLLA, 2012)

Como nome da série e do personagem principal, temos *Pocoyó*, que não é vocábulo na língua espanhola nem em outros idiomas. O nome vem de uma oração muito popular na Espanha para crianças:

*Jesusito de mi vida,
tú eres niño como yo,
por eso te quiero tanto
y te doy mi corazón,
tómalo, tómalo, tuyo es mío no.*

O criador conta que sua filha, de pouca idade, não pronunciava bem o trecho que diz “*tú eres niño como yo*” e dizia “*tú eres niño pocoyó*”. Assim se deu o nome, *Pocoyó*.

A seguir, trataremos das descrições do episódio selecionado para nossa análise.

O episódio: *El Paraguas* (O Guarda-chuva)

O episódio que nos servirá de análise é intitulado *El Paraguas* (O guarda-chuva), tem duração de sete minutos e a participação de Pocoyó, seus amigos Lolla, Pato e Elly, além do narrador. Há também a presença de vozes em *off* (tal como a do narrador) e vozes que representam crianças, que participam e interagem com o narrador e com Pocoyó, agindo como os espectadores.

³ Tradução nossa. No original, em espanhol: “Yo quiero ser esa persona. [...] Que cuando sea mayor piense: ‘¡Uf!, ¡cómo me gustaba Pocoyó, y encima lo hizo mi padre!’”.

A narrativa em questão constitui-se, como na maioria dos episódios, com a temática da descoberta das funções de um objeto, neste caso o guarda-chuva. No enredo de *El Paraguas*, Pocoyó se depara, no cenário, com um guarda-chuva, e não sabe do que se trata o objeto, nem a sua serventia. O personagem contracena com o objeto, tentando dar-lhe diversas funcionalidades, interagindo com seus amigos e sendo motivado, no embalo da voz do narrador, a descobrir a real utilidade do guarda-chuva. Sob a descrição do narrador, o episódio transcorre, no início, em um dia “bonito e ensolarado” e tem no final, a representação de um dia “nublado, chuvoso e com vento”, quando Pocoyó finalmente descobre a real função do guarda-chuva.

Transcrevemos, a seguir, as falas e ações do episódio proposto:

Entra em cena Pocoyó, com uma chupeta verde na boca.

Narrador: ¡Que día tan bonito y soleado!

¡Hola, Pocoyó!

Pocoyó tira a chupeta da boca.

Pocoyó: ¡Hola!

Entra em cena um guarda-chuva.

Narrador: ¿Sabes lo qué es eso?

Pocoyó, acena com a cabeça em sinal negativo.

Narrador: ¿Puede alguien decirle a Pocoyó qué es eso?

Auditório: ¡Es un paraguas!

Pocoyó: Paraguas.

Narrador: Sí. Es un paraguas.

Pocoyó: Paraguas.

Narrador: ¡Muy bien! Y un paraguas es para...

Pocoyó faz sinal pedindo silêncio.

Narrador: Ah, ya veo. Pocoyó quiere averiguarlo él solito. Y, a parte que el Pocoyó...

Hun, hun, ¡Bueno!, entonces, eh... Era un día muy bonito y soleado.

Aunque... tenía un poco de viento.

¡Hombre! Ahí está Lola.

A cadela rodeia o guarda-chuvas, o observa e late.

Pocoyó imita a cadela emitindo um som parecido com o latido. E, ri...

Os dois permanecem ao lado do guarda-chuvas, observando-o e de repente ele se fecha, causando-lhes susto. Eles se afastam rapidamente. Depois retornam a cena e Pocoyó toma o guarda-chuvas e o segura. O guarda chuvas se abre.

Pocoyó: Abierto

O guarda-chuvas se fecha.

Pocoyó: Cerrado

O guarda-chuvas se abre.

Pocoyó: Abierto

Narrador: Sí. Se abre y se cierra. ¡Muy bien!

Pocoyó segura o guarda-chuvas aberto e começa flutuar.

Narrador: No, no. No, ¡Pocoyó!

Pocoyó vai flutuando pelo ar...e para em um galho de árvore.

Narrador: Y, ¡ahora, que...! ¿Cómo vas a bajar?

Lola, a cadela se aproxima dele, no chão e Pocoyó salta.

Narrador: Pues, como iba diciendo... Era un día bonito, soleado y con un poco de viento...

Pocoyó, tal vez deberías saber, ¿para qué sirve un paraguas?

Ah, ¿Alguien dice “guac”?

Pocoyó: ¡Pato!

O pato entra em cena.

Pocoyó: Escondido.

Pocoyó pega o guarda-chuvas e Lola e ele se encondem em baixo.

Narrador: ¡Bien, Pocoyó!

Pocoyó: ¡Pato!

Pocoyó chama o Pato, para chamar a sua atenção. Continua escondido. O pato o procura. E o guarda-chuvas se move, com eles caminhando escondidos.

Pocoyó: ¡Patito!

Narrador: ¿Cómo?

Pocoyó: Pato, ¿tú estás solo?

Narrador: ¿Qué? ¿Te crees que el paraguas se ha movido?

O pato acena com a cabeça em sinal afirmativo.

Narrador: ¿Estás seguro?

Pocoyó lança o guarda-chuvas para o alto gritando:

Pocoyó: ¡Pato!

O pato se assusta, salta e cai dentro do guarda-chuvas.

Pocoyó: Un nido para Pato.

Narrador: Tranquilo, Pato. Ya puedes salir.

Entra em cena Ely, a elefanta.

Pocoyó: ¡Ely!

Narrador: ¡Hola,Ely!

Tal vez Ely sepa para qué sirve un paraguas.

¿Qué está haciendo Ely?

Ely toma o guarda-chuvas e passeia de patinete segurando o guarda-chuvas aberto. Pocoyó, Lola e o Pato a observam.

Narrador: ¡Espectacular, Ely! ¡Qué forma tan maravillosa y única de usar un paraguas!

Todos param e observam o clima. Escutam barulho de chuva

Narrador: Pero, me temo que lo vamos a necesitar para otra cosa. Y, pronto.

Cai a chuva

Narrador: Pocoyó y sus amigos están a punto de mojarse. A menos que...

- Pocoyó, ¿puedes pensar en algo para no mojarte?

- ¿Alguno de vosotros puede decirle a Pocoyó qué tiene que usar para no mojarse?

Crianças: El paraguas. Usa el paraguas para no mojarse.

Pocoyó: Paraguas.

Narrador: Eso es, Pocoyó. Con un paraguas nunca te mojas.

¡Bravo, por Pocoyó!

Bien...

Pocoyó e seus amigos se posicionam em baixo do guarda-chuvas e se protegem da chuva.

Como iba diciendo, hacía un día nublado. Lluvioso y con viento.

Pero, gracias a ti y a Pocoyó también era un día bonito y soleado. Y,
¿por qué no? ¡Muy divertido!
Passa a chuva
Adiós, ¡hasta la próxima!

Os episódios têm uma estrutura relativamente fixa, sempre com apresentação da temática e despedida do público, estabelecendo, assim, uma proximidade com o ouvinte.

Nas considerações subseqüentes, consideraremos as possibilidades de análise retórica em *Pocoyó*.

Retórica e o objeto de estudo: aproximações

Faremos uma descrição, considerando a tríade retórica *ethos, pathos e logos* e suas instâncias, o orador, o auditório e o discurso.

Da configuração do auditório

Refletindo nos princípios da Retórica, o desenho animado é um discurso, carregado de intenção; o seu diretor é o orador, aquele que, por meio do discurso quer atingir o outro, para ensiná-lo, comovê-lo e agradá-lo; e os espectadores da animação compõem o auditório, ou seja, o “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22). O auditório equivale, nos estudos retóricos, ao interlocutor, aquele a quem o orador pretende atingir pelo seu discurso. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 27) afirmam que “é, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores”. No episódio da série *Pocoyó*, o auditório particular é composto por crianças em idade pré-escolar, e este determina e molda o formato da narrativa em questão.

Vygotsky, em seus estudos, expõe as especificidades dessa fase. Com vistas à caracterização do auditório da série selecionada, traremos as contribuições do teórico. Para Vygotsky, a criança na fase pré-escolar – na idade entre três e cinco anos –, está exposta a uma intensa exploração do mundo físico, em que predominam as relações cognitivas com o meio; tais aspectos podem ser observados comumente no público infantil. Esse público, em um processo de

identificação com o Pocoyó, enquadra-se nessa categoria e estabelece-se a criança em um *continuum* entre o auditório e o personagem protagonista. Tal fato é observado na interação entre Pocoyó e as crianças (em voz *off*) participantes da série: quando o narrador interroga o protagonista, essas crianças o auxiliam na obtenção da resposta.

Nessa fase, há o jogo simbólico, em que o símbolo implica a representação de um objeto ausente, (o jogo de faz de conta) havendo sempre a comparação entre um elemento dado e um elemento imaginado, (representação fictícia), e essa comparação consiste numa assimilação deformante. Portanto, no episódio selecionado, o guarda-chuva, como elemento dado, recebe a configuração de elemento imaginado, consistindo, também, nessa busca de (re)significação do objeto em uma assimilação deformante.

Essa interação da criança com objetos e a relação com a real função das coisas no mundo, nos remete à Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 2001, p. 97) em que:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros capazes.

O nível de desenvolvimento real se refere aos processos já consolidados, àquelas funções ou capacidades que o sujeito já domina e é capaz de fazer sem assistência de alguém mais experiente. O nível de desenvolvimento potencial significa as capacidades que poderão ser construídas mediante ajuda de outras pessoas. Nessa relação, o sujeito realiza a tarefa e soluciona o problema através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são concedidas (FOSCARINI; PASSERINO, 2012, p. 7). Este último desenvolvimento, o potencial, é percebido na relação entre Pocoyó e o narrador. Por meio do diálogo, o narrador o orienta a busca pela descoberta. Dessa forma, o narrador do episódio faz uso de uma das funções retóricas: *docere* – aquela em que, por meio do *logos*, busca-se ensinar.

Acredita-se que é na zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem ocorre. Podemos dizer que a função do orador, no caso específico do

Pocoyó, seria o de viabilizar a aprendizagem, servindo, nesse sentido, de mediador entre a criança (auditório) e o mundo.

Partiremos, então, para as considerações sobre o *ethos* retórico em *Pocoyó*.

Sobre o *ethos*

Relacionado ao orador, o *ethos* demarca todas as características de que o enunciador do discurso dispõe e se utiliza delas para convencer o seu auditório. Desse modo, “a interação entre orador e auditório se efetua por meio da imagem que fazem um do outro, da adequação do discurso aos propósitos de um a aos anseios de outro”. (FERREIRA, 2010, p. 20).

Ethos é a imagem que o auditório tem do orador, ou seja, é a soma dos traços que o orador mostra ao auditório para dar “boa impressão”. Plantin (2008, p. 112) afirma que o *ethos* age por empatia, por identificação e transferência. O autor prossegue dizendo que “aderir a um discurso é sempre, no fundo, identificar-se com seu autor”. Reboul (2004, p. 104) alega que um dos critérios que torna a argumentação mais honesta é a reciprocidade. Isso demonstra que o *ethos* do orador pode determinar a reciprocidade com o seu auditório.

Considerando o *ethos* no episódio analisado, temos, em jogo, mais de um *ethos*, denominando de *éthe*. Podemos afirmar que estão em convívio os seguintes *ethe*: *ethos* do criador, David Cantolla, inspirador da série; e *ethos* do personagem *Pocoyó*.

Na instância do *ethos*, o orador do discurso é o seu criador, ou criadores, no caso de *Pocoyó*. O criador usa da voz do narrador e ainda se utiliza da personalidade de *Pocoyó* para seduzir o seu auditório, as crianças. Nesse intento de caracterizar os *éthe*, Meyer (2007, p. 35) afirma:

É preciso, então, distinguir entre um *ethos* imanente, que é a projeção da imagem que deve ter o *ethos* aos olhos do *pathos*, e um *ethos* não imanente, mas efetivo. O orador pode jogar com a defasagem entre esses dois *ethos*, ou, ao contrário, com a identidade entre eles, a fim de manipular o auditório.

O criador da série, David Cantola, apresenta-se como jovem, audaz, perspicaz. E se veste da figura de *Pocoyó* para seduzir, em primeira instância, a filha. Mas, posteriormente, sua produção atinge milhares de espectadores.

Pocoyó, por sua vez, tem o caráter que se associa e se aproxima do auditório, criança, estabelecendo, assim, confiança. Aristóteles, em sua obra *Retórica*, define *ethos* como a “imagem de si”. E o grande pensador ainda deixa registradas descrições do caráter do jovem, do adulto (“dos que estão no auge da vida”), do idoso, dos nobres, dos ricos e dos poderosos. Consideraremos algumas características pinçadas do trecho dedicado ao caráter do jovem que podem se relacionar ao caráter da criança, propícias para a compreensão do *ethos* do personagem *Pocoyó*.

Quanto ao caráter do jovem, Aristóteles (2012, p. 193,194) enumera:

Os jovens são propensos aos desejos passionais e inclinados a fazer o que desejam; gostam de honrarias, mas acima de tudo, das vitórias; não têm mau, mas bom caráter, porque ainda não viram muitas maldades; são confiantes; são otimistas, vivem da esperança; amam os seus amigos e companheiros; são compassivos; gostam de rir, e por isso também gostam de gracejar.

Como uma criança (aparentemente em idade pré-escolar, tal como os espectadores), *Pocoyó* atua com todas as características apontadas por Aristóteles na obra original – caracteres dados ao jovem. Observam-se características semelhantes àquelas levantadas por Aristóteles para o caráter do jovem.

Além disso, em relação à aparência, apresenta-se como uma criança: o personagem usa chupeta, se veste com cores combinadas, roupa e boné na mesma cor (azul), tais elementos visuais da composição da vestimenta do personagem podem se associar às características de otimismo, gracejo e traços da criança *Pocoyó*.

Após as considerações supracitadas, identificamos um *ethos* imanente instaurado no *Pocoyó*, e o *ethos* efetivo que é da ordem do criador.

Sobre o *pathos*

Aristóteles, em sua obra *Retórica*, dispõe-se a mostrar “que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”. (ARISTÓTELES, 2000, p. XLI). O *pathos*, como argumento de ordem psicológica, possui vínculo com a afetividade, é referente ao auditório, às paixões despertadas nos ouvintes. Onde há o predomínio do *pathos*, o auditório possui atenção central do orador. Reboul (2004, p. 48) reitera que o *pathos* “é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso”.

Para descrevermos o *pathos*, consideraremos, principalmente, a segunda parte da obra *Retórica*, ou seja, da *Retórica das Paixões*, dedicada ao estudo das *páthe*, as paixões propriamente ditas. Há, além das descrições das diversas paixões, orientações sobre como discursar e conduzir os ouvintes por paixões conforme o interesse e conveniência do orador.

O auditório se instaura na instância do *pathos*. Para que ele se mova é necessário seduzi-lo, convencê-lo, comovê-lo. O *pathos* envolve a confluência de crenças e de paixões do auditório, que podem ser causadas pelo orador no seu discurso.

Aristóteles enumera 14 paixões que podem ser ativadas pelo orador no auditório, pelo discurso, e assim caracterizadas, segundo Figueiredo; Pernambuco (2010, p.4):

Cólera: é um brado contra a diferença imposta, “injusta” ou como tal sentida. Daí o desejo de vingança. Ela reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, do desprezo.

Calma: pode, a rigor, figurar a indiferença, a ausência de toda paixão, o contrário absoluto daquilo que arrebatava os homens. É o contrário e talvez o antídoto da cólera.

Amor: é certamente um vínculo de identidade mais ou menos parcial. É o próprio lugar da conjunção, da associação.

Ódio: é puramente dissociador.

Temor: é certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente. Tememos aquelas coisas que parecem possuir grande capacidade de arruinar, ou de causar danos. Até os indícios de tais coisas são temíveis.

Confiança (Segurança): é uma forma de amizade mais remota e também uma evidência de assimetria na relação.

Vergonha: reforça a importância do olhar do outro. É uma reação à imagem que o outro faz de mim. A interiorização do olhar do outro desenvolve uma imagem inferior de mim mesmo.

Impudência: é também uma reação à imagem que o outro faz de mim. Pela impudência assimilo a imagem que o outro forma de mim como nula, indiferente. Afirmando minha superioridade sem atender para o outro. Consagra a não essencialidade do outro, ou seja, a imagem que ele tem de mim carece de importância.

Favor (obsequiosidade): é uma resposta a outrem. Atende a sua pretensão, a seu caráter passional. É prestar serviço, descobrir a necessidade alheia, entendendo-se que quem responde dessa maneira não o faz por interesse.

Compaixão (piedade): concerne, antes de tudo, àqueles que se julgam de tal maneira acima dos outros que se mostram inconscientes das desventuras, das reviravoltas, em suma, das paixões que podem sobrevir. Tudo o que diz respeito à desventura (forçosamente não voluntária) dos homens excita a piedade.

Indignação: reflete a não aceitação (moral) do espetáculo das paixões, de sua desordem. Ela decorre da ideia de que “isso não poderia ter acontecido”.

Inveja: ocorre quando se quer tirar do outro o que ele tem.

Emulação: ocorre quando se quer apenas imitar o outro, seguir o seu modelo.

Desprezo: tende para a ruptura, não desejando nem a diferença nem a identidade.

Quanto às paixões despertadas no auditório do episódio em análise, podemos afirmar que se modulam conforme o universo infantil.

A paixão do **amor** se delinea no trato de Pocoyó, pelas suas atitudes, por ser curioso com as crianças espectadoras, por estabelecer identidade e reciprocidade.

A **confiança**, talvez a mais importante das paixões aqui suscitadas, é acionada na amizade da relação entre auditório e orador.

A paixão do **favor**, como resposta a outrem, é despertada quando o narrador pede às crianças que ajudem o Pocoyó a encontrar a resposta, como, por exemplo, a descobrir o que é um guarda-chuva e qual a sua funcionalidade.

Por fim, a **emulação**, fortemente observada na intencionalidade do orador. Ao serem projetados movimentos, atitudes e gestos próprios do universo infantil, a atitude do auditório recai sobre a emulação.

Sobre o *logos*

O **logos** constitui-se do discurso utilizado pelo orador para mover o auditório, ou seja, está na instância do como se fala, empregando um dos gêneros retóricos⁴. O **logos** se caracteriza pelas escolhas lexicais que fornecem, por sua vez, pistas para entendermos a posição que o orador ocupa no discurso e para descobrirmos que ele pode ou não efetuar uma apresentação de si mesmo nesse discurso. (FERREIRA 2010, p. 28)

Desse modo, em Pocoyó temos escolhas lexicais próprias da idade do personagem que, na temática da descoberta, profere palavras relativas ao tema e ainda as pronuncia com características próprias da fala infantil. A título de exemplificação, temos momentos em que Pocoyó emite risadas, ou ainda imita o latido da cadela Lolla. O personagem, como forma de fidelidade da escolha discursiva e de sua adequação ao papel da criança, assumido na série, enuncia frases com articulações próprias da fala infantil, como em “*Un nido para el pato*”. Todas essas escolhas despertam as paixões do auditório e suscitam a identificação da criança telespectadora com a criança Pocoyó.

Podemos considerar, para tratar do *logos*, a modalidade discursiva, proposta por Citelli (2003, p. 38) denominada lúdica:

Consideremos que esta seria a forma mais aberta e “democrática” de discurso. Residiria aqui um menor grau de persuasão, tendendo, em alguns casos, ao quase desaparecimento do imperativo e da verdade única e acabada.

Nessa modalidade vemos um discurso sem autoritarismos ou tentativas absolutas de convencimento. Não que a persuasão não exista, ela existe, mas passa pelas paixões acionadas no auditório no nível da tranquilidade, da calma, da emulação no sentido de incitar a criança a imitações do personagem, como gestos, voz, etc, do favor e do amor.

⁴ Podemos mencionar pelo menos três gêneros possíveis no discurso retórico, quais sejam: político (ou deliberativo), judiciário e laudatório (epidídico ou demonstrativo).

O mesmo autor ainda prossegue:

Lúdico significa jogo. Seria, pois, um tipo discursivo marcado pelo jogo de interlocuções. Vale dizer, o movimento dialógico eu-tu-eu se dinamiza e passa a conviver com signos mais abertos: há menos verdade de um, logo, menos desejo de convencer. Nesse caso, o signo ganha uma dimensão múltipla, plural, de forte polissemia: os sentidos se estilham, expondo as riquezas de novos sentidos. Os signos se abrem e revelam a poesia da descoberta; a aventura dos significados passa a ter o sabor do encontro de outros significados. (CITELLI, 2003, p. 38)

E isso nos leva a considerar a persuasão de forma dialogada, considerando o outro e dando-lhe voz. Encaixa-se, perfeitamente, a série aqui analisada nas descrições de Citelli (2003) quanto à modalidade discursiva. Ao observarmos o episódio vemos o jogo de interlocuções entre Pocoyó-narrador-Pocoyó, ou ainda, entre narrador-crianças-narrador e entre Pocoyó-crianças-Pocoyó e mais, entre Pocoyó-personagens-Pocoyó. Neste ínterim, observa-se o “movimento dialógico se dinamizando e convivendo com signos mais abertos”, pois a resignificação do objeto guarda-chuva faz com que “o signo ganhe uma dimensão múltipla, os sentidos se estilham, expondo as riquezas de novos sentidos”. E, então, ao dar novas funções ao guarda-chuva, Pocoyó faz com que “os signos se abram e revelem a poesia da descoberta; a aventura dos significados passe a ter o sabor do encontro de outros significados”. (CITELLI, 2003, p. 38)

E, ainda sobre o *logos*, podemos considerar que o gênero narrativa infantil⁵ se delinea claramente no episódio. Observa-se:

1 título;

Indicado, sempre no início do episódio.

2 apresentação dos personagens;

Comum em todos os episódios, há uma apresentação de cada um dos personagens, com temas musicais próprios para cada um e as funções que cada um exerce na série.

⁵ A respeito do gênero narrativa infantil, o tema encontra-se em estudos mais aprofundados em RODRIGUES-ALVES (2009).

3 apresentação do tema e alguma situação problema;

No caso do episódio analisado, temos a tentativa de (re)significar o guarda-chuva e encontrar utilidades “reais” e lúdicas para o objeto.

4 resolução do problema vivido pelos personagens.

A solução do problema estabelecido, depois de inúmeras tentativas, para encontrar a utilidade do guarda-chuva e, a apresentação da real utilidade do objeto.

Ainda podemos considerar a estrutura do texto narrativo arquitetada no episódio. A partir de uma **situação de equilíbrio** (*Era um dia bonito y soleado*), perturbada por um fator qualquer de **desequilíbrio** (depara-se com o objeto desconhecido, o guarda-chuva), para o qual surge uma **solução** (inúmeras tentativas de utilização do objeto) geradora de **novo equilíbrio** (a descoberta da utilidade do objeto que agora não é mais desconhecido).

Em termos retóricos, temos o contorno da narrativa infantil nas formas de organização do discurso e, como a retórica se ocupa de entender a persuasão, o convencimento e as manipulações do discurso pelo orador para alcançar seus objetivos, o discurso se organiza para atender a essas proposições. Segundo Meyer (1993, p. 23), as grandes subdivisões tradicionais do discurso retórico são: “a invenção, a disposição, a elocução e a memória”.

A **disposição**, cuja função se resume em organizar as ideias, estruturá-las segundo “um espaço plausível ou racional”, organiza-se pelo **exórdio**, que suscita a questão; pela **narração**, que expõe os fatos e expõe a solução argumentando a favor e contra; e pela **peroração**, que conclui, sintetiza e mostra a adequação ao problema colocado (MEYER 1993, p. 23).

Sobre a organização do discurso, conforme proposta de Meyer (1993) temos a estrutura que se delineia no discurso do episódio analisado, no que cerne a disposição.

A disposição das ideias se dá em *Pocoyó* de forma que o exórdio, a narração e a peroração se façam no enredo da narrativa.

O exórdio, “momento em que o orador estabelece identificação com o auditório” (FERREIRA, 2010, p. 112) se institui com a entrada de *Pocoyó*, a apresentação de seus amigos, personagens secundários, o uso da chupeta,

obstruindo as articulações para a fala e a retirada da chupeta quando se lhe é dado o turno no diálogo inicial com o narrador. Além disso, ao se iniciar o episódio, o narrador contextualiza, juntamente com Pocoyó, o objeto novo no cenário, o guarda-chuva.

A narração “é a exposição dos fatos referentes à causa. Assinala o partido que o orador irá tomar, marca a escolha de um ponto de vista que será defendido nas demais partes” (FERREIRA, 2010, p. 113). Nesta ordem, Pocoyó assume a posição de criança curiosa. Nesta estrutura, ressalta-se o *logos* com mais clareza, “pois, aqui, as provas são colocadas, enuncia-se o fato com suas causas, dão-se exemplos, ilustra-se o texto com episódios que ressaltem as qualidades”. (FERREIRA, 2010, p.113). Arquetam-se, nessa situação, as argumentações a favor e contra todas as formas de uso do guarda-chuva.

E a peroração que se caracteriza pela síntese e adequação do problema inicial. Para Reboul (2004, p.60) “A peroração é o momento por excelência em que a afetividade se une à argumentação, o que constitui a alma da retórica”. A peroração, no episódio, se dá no encontro do significado do objeto guarda-chuva e, ainda, ressalta-se a peroração, na fala de desfecho do narrador “*Como iba diciendo, hacía un día nublado. Lluvioso y con viento. Pero, gracias a ti y a Pocoyó también era un día bonito y soleado. Y, ¿por qué no? ¡Muy divertido! Adiós, ¡hasta la próxima!*”

Considerações finais

Como pudemos observar, em um discurso considerado lúdico não há a destituição de intencionalidade persuasiva. A série visa entreter e ensinar, é educativa e, para isso, utiliza-se das técnicas retóricas a fim de alcançar seu intento. Isso compreende a utilização de provas como o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, bem como da consideração do contexto de recepção e das especificidades de configuração do auditório-alvo.

Na tríade retórica *ethos*, *pathos* e *logos* são engendrados em suas instâncias, orador, auditório e discurso de forma que haja a persuasão. O orador, Pocoyó, tem o seu *ethos* de criança evidenciado pelos recursos da animação, e a temática do episódio. As paixões do amor, da confiança, do favor e da emulação podem ser suscitadas no auditório. E, a organização do discurso e a escolha de

determinados elementos linguísticos, quando da consideração sobre o *logos*, perfazem um texto que atende às intenções.

Em *Pocoyó* há uma eficácia retórica, comprovada, especialmente, pela adesão do público, pois contou com duas temporadas de exibição, com 52 episódios cada e a série ainda foi vendida para diversos países e traduzida para muitos idiomas, além de suas veiculações e milhares de compartilhamentos em canais de vídeo da Internet.

Enfim, *Pocoyó* seduz, diverte e convence o seu público, constituído por crianças em idade pré-escolar, em uma produção que se utiliza dos meios provenientes da arte de persuadir.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Casa da Moeda: Lisboa, Portugal. 1998.

_____. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Retórica das paixões**. Trad. do grego Isis Borges B. da FONSECA. Prefácio de Michel MEYER. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANTOLLA, D. Pocoyó, un éxito mundial. In: **AR La revista de Ana Rosa Quintana**, 2012. Disponível em: <http://www.ar-revista.com/ana-rosa/personajes/mi-hijo-me-dio-la-idea/pocoyo-un-exito-mundial>. Acesso em: maio 2015.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo : Ática, 2003.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: contexto, 2010.

FERREIRA, F. A. As paixões de “Furico & Fiofó”: estratégias retóricas de um desenho animado. In: FIGUEIREDO, M. F. et. al. (org.) **Textos: sentidos, leituras e circulação**. Coleção Mestrado em Linguística. V. 9. UNIFRAN: Franca, SP, 2014.

FIGUEIREDO, M. F.; PERNAMBUCO, J. Paixões em primeira página: análise linguística de manchetes de jornal. In: 13º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 4º Congresso Internacional de Lusofonia do IP/PUC-SP, 2010, São Paulo, SP. **Anais do 13º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 4º Congresso Internacional de Lusofonia do IP/PUC-SP**. São Paulo: PUC, 2010. p. 1-11.

FOSCARINI, A. C.; PASSERINO, L. M. Mediação e desenvolvimento no atendimento educacional especializado através do uso de artefatos. **IX APED SUL Seminário de**

Pesquisa em Educação da Região Sul. p. 1-15, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2591/694> Acesso em: 22 abr. 2015.

MEYER, M. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução.** Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **A retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, O. **Introdução à retórica.** Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES-ALVES, M. S. **Entrou por uma língua e saiu por outra: Contação de histórias em espanhol para crianças brasileiras.** Araraquara, 2009. 201f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

VIALA, A. A eloquência galante: uma problemática da adesão. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2005. (p. 167-182)

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem** (texto integral traduzido do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em 16 de outubro de 2015

Aprovado em 27 de novembro de 2015